

FICHA TÉCNICA PARA ENTREVISTAS

IDENTIFICAÇÃO DO PATRIMÔNIO: A arte de Beto Gaudêncio

CATEGORIA: Saberes, Ofícios e modos de fazer.

COMUNIDADE ASSOCIADA: Vila União

ENTREVISTADO: Beto Gaudêncio

BREVE DESCRIÇÃO: Beto fala sobre suas diversas linguagens artísticas e a influência do território no seu processo de criação.

DATA DA ENTREVISTA: 22 de agosto de 2024

MINUTAGEM:

[Para acessar a entrevista, clique](#)

[aqui!](#) 0:01 - 0:10

0:19 - 0:21

0:31 - 0:43

0:51 - 1:03

1:09 - 1:53

2:01 - 2:29

2:33 - 2:44

2:54 - 3:59

4:05 - 4:29

4:35 - 4:52

5:06 - 5:32

5:42 - 6:00

6:11 - 6:55

7:31 - 8:12

8:19 - 8:54

[ENTREVISTADOR] Gostaria de saber seu nome?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Meu nome é Beto Galdêncio. Alberto José Nogueira Galdêncio, nome artístico Beto Galdêncio.

[ENTREVISTADOR] Onde o senhor nasceu?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Nesse bairro, Vila União.

[ENTREVISTADOR] Qual a sua idade?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Eu tenho 64 anos.

[ENTREVISTADOR] Há quanto tempo o senhor mora aqui no bairro?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Desde que nasci, viu?

[ENTREVISTADOR] Quando o senhor chegou e por que veio morar por aqui?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Assim, meus pais vieram do interior, né? Passaram a morar nesse bairro. Eu nasci aqui e já fui gostando e ficando.

[ENTREVISTADOR] Eu gostaria de saber que tipo de material o senhor usa pra fazer essa sua arte?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Eu gosto de trabalhar com ferro e material que eu garimpo na minha caminhada, eu faço reciclagem.

[ENTREVISTADOR] Quando foi que surgiu essa ideia de fazer esse tipo de arte?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Desde pequeno eu já criava alguma coisa, só que eu não tinha o direcionamento do que era aquilo, que dom era esse. Aí, ao passar do tempo, eu passei a criar alguns trabalhos e fui instigado a fazer uma faculdade. Na época, existia aqui em Fortaleza a FGF, a Faculdade Gama Filho, e tinha o curso de artes. Aí eu passei a fazer esse curso e veredei por vários caminhos da arte. Aí fui para o cinema, fui para gravura, pintura, desenho. Aí foi que eu descobri que o meu dom é exatamente esse de criar.

[ENTREVISTADOR] Eu gostaria de saber quantas obras você tem?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Assim, no geral, eu não sei te dizer porque eu tenho escultura, tenho pintura, desenho, xilografura, eu tenho filmes, curta-metragem, longa-metragem, tenho stop motion, tenho cinema de animação, que eu também tenho um curso pela Casa Amarela de cinema, então não sei assim precisar para ti. Quantas obras eu tenho concluídas?

[ENTREVISTADOR] O senhor pretende continuar com esse seu trabalho?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] O artista é escravo da obra de arte, ele não tem como sair. Ele é instigado a trabalhar nisso. Não tem como sair.

[ENTREVISTADOR] Gostaria de saber se o senhor poderia nos contar uma história marcante assim do seu

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Eu tenho uma referência muito grande com essa lagoa que a gente tem aqui, né? Então essa lagoa faz referência às lavadeiras que trabalharam nessa lagoa, que tiraram o sustento e que conseguiram com isso criar sua família, levar o alimento para dentro de casa. E dentro dessa história eu consegui, além de criar esse trabalho que são as obras de arte voltado para as lavadeiras que são varais como você pode ver aqui também tem um curta-metragem da história dessas lavadeiras que são em torno de umas 8 a 10 a quem eu consegui captar as imagens da fala delas falando da história do uso da lagoa E também falando da sua vivência. Algumas hoje são memórias, porque já são falecidas, mas é uma história muito bonita dessas mulheres que utilizaram essa lagoa para ganhar o pão de cada dia.

[ENTREVISTADOR] O senhor sabe de alguma lenda da lagoa?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Certa vez vieram fazer uma entrevista aí e uma senhora, a dona Leda, contou a história de uma cobra que encantava as pessoas, principalmente os homens, e atraía para dentro da lagoa. E essas pessoas desapareciam. Essa é a história mais instigante que eu tenho sobre a lagoa.

[ENTREVISTADOR] Qual é o lugar que o senhor mais gosta, que mais se identifica?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Todo lugar aqui eu gosto. Eu acho legal andar pelo meu bairro, eu acho legal falar com as pessoas, eu acho legal conversar com as pessoas, num sabe? Eu acho legal vivenciar o que o bairro tem.

[ENTREVISTADOR] Além do senhor, tem outra pessoa que faz esse tipo de arte?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Aqui eu tenho um colega, o Ednardo, que também trabalha nessa linha, só que ele é focado mais em mandala, trabalha muito com mandala. E tem o Jailson, que também trabalha com reciclagem. E eu tenho memória de um amigo, Adalberto, já é falecido, que também fazia esse trabalho.

[ENTREVISTADOR] Mais ou menos, que época do ano o senhor começa a fazer e criar esses sonatos? Em determinado mês, assim?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Desde os 18 anos que eu tenho produção de arte. Só não tão espontânea como essas que eu tenho agora. E depois da faculdade foi que eu passei a diversificar mais o meu trabalho.

[ENTREVISTADOR] Roberto, você é morador do bairro e eu já vi que você faz algumas intervenções com as suas obras dentro da lagoa. Quantas obras você já colocou dentro da lagoa?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] 28. Eu já tive condição de por meio de placas flutuantes por 28 trabalhos e peguei a mania de criar e fazer sempre no final do ano árvore de natal do bairro que é tem cinco metros seis metros a árvore de natal da lagoa viu essa é a intervenção que eu sempre faço. Eu uma certa feita, eu criei um pedalinho onde eu passeava dentro da lagoa fazendo tipo um mapeamento e olhando e visitando algumas áreas da lagoa.

[ENTREVISTADOR] Eu queria pedir licença ao aluno, para fazer uma pergunta. O senhor trabalha com vários tipos de arte. Qual é a sua favorita? Tem alguma que é mais seu chamego, que é mais seu xodó? Ou você acha que ela é esse trabalho das roupinhas, a gente tem um trabalho aqui também da sua escultura. Qual é o tipo de arte, de artesanato desses que você mais se identifica, que você tem mais facilidade, mais dificuldade? Você pode comentar um pouco sobre isso com a gente?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] A escultura me atrai muito, mas eu tenho uma verdadeira paixão por cinema, eu gosto do roteiro, da elaboração da cena, do enquadramento, da luz, da edição. Então é uma coisa que eu tenho muita paixão. Até porque ele alcança mais. Uma obra de arte cinematográfica você manda para o outro lado do mundo. Uma escultura já tem suas dificuldades por conta da burocracia. Mas eu tenho paixão pelo cinema e pela escultura.

[ENTREVISTADOR] Qual o nome do curta que o senhor falou que fez com as lavadeiras?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Lavadeiras da Lagoa. Aí eu tenho cinema em preto e branco, que é um dos primeiros trabalhos, que é preto quente com buraco no meio, que está no YouTube. Eu tenho... Outros que não me vêm na memória agora, gravado em Canidé. Eu tenho Dívida com o Santo, que eu gravei em Canidé e gravei em Juazeiro. São pessoas que foram pagar a promessa, estavam em dívida com o santo e foram lá pagar a promessa. É um dos longa-metragens que eu tenho.

[ENTREVISTADOR] Beto, a gente queria agradecer a sua disponibilidade. porque o senhor já se colocou a posto, faz muito tempo que está aqui esperando a gente. A gente vai pedir desculpa pela logística, porque aconteceram diversos contatantes. E aí acho que a gente vai finalizar por aqui, tá? Agradecer a disponibilidade. E aí eu vou entrar em contato contigo para, se você quiser ter material no seu acervo que possa me disponibilizar para que a gente faça junção ao nosso material, para as postagens, quando o material estiver disponível, eu te encaminho para você ter acesso também às fotografias que foram tiradas, a gravação também, ok?

[ENTREVISTADOR] É isso, né?

[Alberto José Nogueira Galdêncio] Tá.